

RALED

VOL. 23(2) 2023



ARTÍCULO

As fake news como base do populismo de direita brasileiro: entre o político e o digital, o algoritmo

Fake news as the basis of Brazilian right-wing populism: between the political and the digital, the algorithm

RENATA DE OLIVEIRA CARREON

Universidade Estadual de Campinas/FAPESP
Brasil

Recebido: 6 de junho de 2023 | Aceptado: 5 de outubro de 2023

DOI: 10.35956/v.23.n2.2023.p.129-146

RESUMO

O populismo, entendido como uma forma autoritária de democracia eleitoral, tem prosperado de maneira global. A figura do populista carismático, messiânico e “porta-voz” do povo contra “os inimigos” desponta em várias nações em resposta ao apelo de uma parcela da população à retomada do conservadorismo. Em razão disso, objetivamos compreender (i) de que forma as *fake news* divulgadas por Bolsonaro são o sustentáculo do populismo autoritário no Brasil e (ii) como o digital é a própria condição de possibilidade desses dizeres. Como *corpus*, utilizaremos enunciados que circularam ao vivo pelas redes do ex-presidente e que foram considerados mentirosos pela plataforma de checagem Aos Fatos. Em seguida, dividiremos o material em: (a) ideologia de gênero; (b) defesa do aborto; (c) defesa do uso de drogas; (d) incentivo à criminalidade. Para tal, mobilizaremos o arcabouço teórico e metodológico da Análise de discurso produzida no Brasil por Orlandi (2020a, 2020b) e Dias (2018, 2020).

PALAVRAS CHAVE: *Análise do discurso digital. Fake news. Populismo.*

RESUMEN

El populismo, entendido como una forma autoritaria de democracia electoral, ha prosperado a nivel mundial. La figura del populista carismático, mesiánico y “portavoz” del pueblo frente a “los enemigos” surge en varias naciones como respuesta al llamado de una parte de la población a retomar el conservadurismo. Por eso, nuestro objetivo es comprender (i) cómo las noticias falsas difundidas por Bolsonaro son el pilar del populismo autoritario en Brasil y (ii) cómo lo digital es la condición misma de posibilidad de estos dichos. Tomaremos como corpus declaraciones que circularon en vivo por las redes del expresidente y que fueron consideradas mentirosas por la plataforma verificación Aos Fatos. A continuación, dividiremos el material en: (a) ideología de género; (b) defensa del aborto; (c) defensa del consumo de drogas; (d) incentivo a la criminalidad. Para ello, movilizaremos el marco teórico y metodológico del Análisis del Discurso producido en Brasil por Orlandi (2020a, 2020b) y Dias (2018, 2020).

PALABRAS CLAVE: *Análisis del discurso digital. Noticias falsas. Populismo.*

ABSTRACT

Populism, understood as an authoritarian form of electoral democracy, has thrived globally. The figure of the charismatic, messianic populist and “spokesman” of the people against “the enemies” emerges in several nations in response to the appeal of a portion of the population to resume conservatism. For this reason, we aim to understand (i) how the fake news disseminated by Bolsonaro are the mainstay of authoritarian populism in Brazil and (ii) how the digital is the very condition of possibility of these sayings. As a corpus, we will use statements that circulated

live on the ex-president's networks and that were considered liars by the Checking Platform Aos Fatos. Then, we divided the material into: (a) gender ideology; (b) defence of abortion; (c) drug use defence; (d) incentive to criminality. To accomplish these objectives, we mobilized the theoretical and methodological framework of Discourse Analysis produced in Brazil by Orlandi (2020a, 2020b) and Dias (2018, 2020).

KEYWORDS: *Digital discourse analysis. Fake news. Populism.*

Introdução

Segundo o *site* Aos Fatos, plataforma jornalística de investigação, em 1.384 dias como presidente, Jair Bolsonaro deu 6.428 declarações falsas ou distorcidas. Os dados compilados pela plataforma são de 16 de outubro de 2022 e mostram, numericamente, que um dos alicerces do poder do governo bolsonarista são as *fake news*. Podemos observar, ainda, que embora tais dizeres mentirosos tenham sustentado sua governabilidade, mentindo sobre seus feitos, tais dizeres se intensificaram durante a gestão da pandemia e sua campanha eleitoral, conforme gráfico disponibilizado pela plataforma:

FIGURA 1

Gráfico de declarações falsas



Fonte: site Aos Fatos¹

Tendo, assim, no horizonte que o sustentáculo do poder do populista de direita, Jair Messias Bolsonaro, são os dizeres mentirosos – ou torsões discursivas – adotaremos como procedimento metodológico para a construção do *corpus* as *fake news* relacionadas à esquerda e sua consequente “quebra de valores tradicionais”. Justificamos tal procedimento a partir da compreensão de que a demanda pelo populismo autoritário abriu espaço para o que Norris e Inglehart (2019) chamam de Teoria da Revolução Silenciosa, ou seja, a conjuntura de prosperidade econômica das últimas décadas favoreceu o fortalecimento dos valores pós-materialistas que reivindicam, por exemplo, liberdade sexual, proteção ambiental e direitos humanos. Por consequência, uma parcela da população, mais velha, com maior religiosidade, menor escolaridade fica à margem do processo da emergência pós-materialista, criando uma necessidade democrática de líderes que restituam a sociedade conservadora de

1 Disponível em <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>. Acesso em 25 out. 2022

outrora. Norris e Inglehart (2019) afirmam que o líder que se posiciona contra as mudanças sociais e os valores pós-materialistas e contra o “outro” (o imigrante, o corrupto) atende à demanda dessa parcela da sociedade. Somado a isso, ainda se tem o crescente uso das redes sociais como forma de contato com os eleitores, o que favorece a polarização política e faz com que líderes populistas adotem as redes como forma de comunicação com o povo e autopromoção.

Nesse sentido, adotaremos como arquivo os dizeres considerados falsos pela plataforma de checagem *Aos Fatos*. Considerando o método da Análise de discurso (AD) de proceder a um recorte de sequências discursivas para a construção do *corpus* de análise, selecionamos aquelas que estão relacionadas às “pautas de esquerda” para, a partir disso, entender como o populismo de direita é uma maneira de se pensar as práticas democráticas produzidas pela relação político-cidadão-máquina. Mais especificamente, a partir dos dizeres considerados mentirosos pela plataforma *Aos Fatos*, transcrevemos as *lives* de Jair Bolsonaro nas quais esses dizeres circularam para, além de ter acesso às condições de produção, poder analisar, de maneira ecológica e simétrica², a materialidade digital que compõe esse dizer mentiroso.

Tal escolha metodológica, de utilizar as *fake news* divulgadas em *lives*, vai de encontro ao estudo do Instituto de Tecnologia de Massachussets (MIT), que afirma que uma falsa informação tem, em média, 70% a mais de probabilidade de ser compartilhada na internet, pois ela é, geralmente, mais original que a notícia verdadeira. (Vosoughi; Roy; Aral 2018). Em razão disso e do âmbito da Análise de discurso, somos instados a repensar a circulação como ângulo de entrada, como antecipa Dias (2018), uma vez que o potencial de espalhamento de dizeres mentirosos parece estar diretamente ligado às características desse tecnodiscurso, como a reticularidade (tudo está de alguma forma conectado) e imprevisibilidade (não há como prever o compartilhamento e até onde ele pode chegar), conforme defende Paveau (2021).

Do âmbito da Linguística, tal fenômeno pode e deve ser compreendido a partir dos efeitos de sentido produzidos por essas torções discursivas que criam um efeito de verdade mais atraente do que a própria verdade. No entanto, ainda que as *fake news* sejam um fato linguageiro que interessa a nós, analistas de discurso, ainda é preciso considerar que essa mentira discursivizada³ é afetada pelo algoritmo a nível de circulação, o que nos impele a olhar para o digital como um objeto de interesse da Análise de discurso. Para além dessas questões que tocam a construção e circulação de *fake news*, ainda é preciso observar que o efeito bolha gerado pelo extrativismo de dados nas redes incita (e inflama) cidadãos que, coléricos, tendem a aderir ao discurso do populista de direita. Este, incentivando o discurso de ódio em favor do povo, se beneficia do potencial de espalhamento das redes para reverberar notícias falsas.

2 Para Paveau (2021 p: 159), “a ecologia do discurso é uma abordagem da análise do discurso que toma como objeto não mais somente elementos linguageiros, mas o conjunto do ambiente nos quais eles se inscrevem.”. Em razão disso, instaura-se uma simetria na atividade linguageira, pois não há “mais a distinção, ou mesmo a oposição, entre a ordem da linguagem e a ordem da realidade (...), uma linguística simétrica que desafia as concepções logocentradas da análise do discurso dominante.” (Paveau 2021 p: 161).

3 Adotaremos, aqui, as *fake news* como uma mentira discursivizada; aquilo que, não sendo verdadeiro, se textualiza como verdade, filiado a uma memória discursiva que, muitas vezes, não existe.

Por isso, o objetivo deste trabalho é compreender de que forma as *fake news* estão alicerçando o populismo de Jair Bolsonaro no Brasil e como isso orienta para uma Análise de discurso digital.

1. Princípios teóricos

1.1 Populismo

O populismo pode ser compreendido como uma forma autoritária de democracia eleitoral (Filchelstein 2019) e consiste em “princípios de primeira ordem sobre quem deve governar, afirmando que o poder legítimo cabe ao ‘povo’ e não às ‘elites’” (Norris; Inglehart 2019: 31). Assim, reivindicando o poder para o povo, surge a figura do inimigo do Estado, que abarca desde os políticos tradicionais, a mídia, o Judiciário ou até a própria Constituição, o que leva, conseqüentemente, o líder populista a se apresentar como a voz do povo e a alternativa a esse inimigo, aproveitando-se da instabilidade econômica e política, do descrédito, perante a população, das instituições democráticas. Mais do que isso, “na verdade, sem o conceito do líder carismático e messiânico, o populismo é um modelo histórico incompleto” (Filchelstein 2019: 17).

Para Filchelstein (2019), é preciso pensar o populismo como transcontextual e “a partir das margens”, uma vez que este se desenvolveu para além da Europa, como comumente é tratado por cientistas políticos e sociólogos. O autor defende que o populismo como o entendemos agora é uma reformulação do fascismo no pós-guerra e teve sua primeira aparição, ao contrário do que afirmam muitos teóricos, com o peronismo na Argentina. Para o historiador argentino,

Enquanto o objetivo do fascismo é a ditadura, procurando abolir a separação de poderes e o Estado de Direito, o populismo, pelo menos na história contemporânea, quase nunca destruiu a democracia. No entanto, os populistas enfraqueceram em série o Estado de Direito e a separação dos poderes sem os abolir completamente. (Filchelstein 2019: 132).

Considerando o contexto pós-guerra e a necessidade mundial de uma reformulação das práticas políticas já em muito corroídas, surge o primeiro regime populista da história com as eleições de Perón em 1946, cujo “[...] modelo de populismo se transformou em todas as suas possíveis variantes” (Filchelstein 2019: 135). Assim, o populismo irrompe como uma reformulação “democrática” do fascismo em diversos países e, no Brasil, foi inaugurado como “varguismo” ou “Era Vargas”.

Entendemos aqui, tal qual Filchelstein, o populismo como forma autoritária de democracia: “Definido historicamente, prospera em contextos de crises políticas reais ou imaginadas, onde se apresenta como a antipolítica” (Filchelstein 2019: 19). Nesse sentido, o líder populista, considerado a voz do povo, incorpora uma forma de democracia mais direta e autoritária, unificando todos os povos da nação em razão do simulacro de um “único povo” cuja vontade se resume aos votos da maioria e, portanto, sua conseqüente representatividade pelo líder. O apagamento da diversidade em favor da ficção de unidade gera efeitos antidemocráticos que estão na raiz do próprio populismo. Ainda sobre o populismo moderno o historiador argentino afirma:

Em síntese, o populismo é uma concepção moderna do político que apresenta uma combinação híbrida de ideias instáveis sobre a soberania popular, a liderança e o modo como a sociedade ca-

pitalista deve ser organizada e governada. Baseado em uma reformulação do fascismo e em uma rejeição clara da sua violência extrema, o populismo adotou o princípio democrático de representação eleitoral associado a um conceito de liderança autoritária. (Filchelstein 2019: 187).

É a partir dessa compreensão do que é o populismo e de como ele tem se desenvolvido no mundo que tomamos Jair Messias Bolsonaro como um líder populista de direita, colocando-se como fonte de informação para o povo, lutando contra todos os inimigos da nação (a imprensa, o PT, o Lula, a comunidade LGBTQIA+ etc.) e, principalmente, se colocando como o messias eleito. Sem entrar nas especificidades do populismo de direita e de esquerda, adotaremos o que alguns autores têm definido como líder populista de direita (Fassin 2019) ou populista autoritário (Norris; Inglehart 2019): a figura do porta voz do povo, democraticamente eleito, sobretudo, em razão da defesa de valores conservadores e contra as conquistas pós-materialistas. A “inclinação à direita” consiste numa “reviravolta conservadora” que não é um reflexo da crise, mas uma resposta a ela: “Mas essa lógica autoritária é acompanhada por um verdadeiro populismo: os conservadores afirmam estar ‘do lado do povo’, enquanto os trabalhistas estariam ‘do lado do Estado’” (Fassin 2019: 44). A partir disso, Fassin (2019) compreende o populismo de direita a partir do ressentimento cultural de maiorias que viram seu espaço diminuído pelo avanço de pautas minoritárias, em uma tentativa de reestabelecer seu lugar de dominância, o que é facilmente perceptível com a vitória de Donald Trump nos Estados Unidos, porta voz de uma elite branca, conservadora e xenófoba, e Jair Bolsonaro, porta voz, sobretudo, de homens brancos conservadores.

Em um claro movimento de restaurar o *establishment*, o Brasil, em 2018, viu um populista de direita alcançar o poder. Contra todos os “inimigos da pátria”, o então Presidente alicerçou sua governabilidade na transmissão de *lives* (vídeos ao vivo), simultaneamente no YouTube, Facebook e Instagram, como forma de “fonte de informação para o povo”, uma vez que a mídia “parcial e mentirosa” não levaria a verdade ao povo. Como porta voz do povo e da verdade, Bolsonaro governou para a “maioria” pelo digital, promovendo mutações nas práticas discursivas que até então estavam cristalizadas na comunicação política. O digital contribuiu, definitivamente, para a sua governança, pulverizando o homem público e promovendo o efeito de intimidade entre político e cidadão.

Em razão disso é que entendemos o estabelecimento do populismo como forma autoritária de democracia como condição de produção dos dizeres analisados neste capítulo. Mais do que isso, é importante levar em conta que o estudo aqui empregado sobre as *fake news* presidenciais tem raízes mais profundas do que simplesmente entender o funcionamento de dizeres mentirosos. Cabe compreender de que forma esses dizeres foram a base da governabilidade de Bolsonaro e como sustentaram uma forma de autoritarismo que tem se espalhado pelo mundo encontrando eco nos valores conservadores propalados por aqueles que, desconfortáveis com a fenda no *status quo* feita muito recentemente, tentam, de toda forma, restaurá-lo. Cumpre, então, aos analistas de discurso compreender como aquilo que é textualizado e presentificado nas *lives* lança luz à aderência do bolsonarismo enquanto populismo de direita nas Américas.

1.2 Fake news e Análise de discurso

O conceito de “*fake news*” tem sido largamente discutido nos distintos campos de saber, incluindo aí as diferentes áreas da ciência da linguagem. Para compreender a questão, partimos de

Tandoc Jr., Wei Lim e Ling (2018) que explicitam que, justamente por tratar-se de “news”, as “fake news” podem ser compreendidas como informações que emulam notícias reais. Tal afirmação é chave para entender um primeiro momento do estado da arte das notícias falsas: elas inicialmente surgem como uma notícia, veiculada por um periódico conhecido, sem apuração dos fatos. Depois, as *fake news* passam a ser as notícias que simulam (ou parodiam) uma notícia real. Para Recuero e Gruzd (2019), “a circulação de notícias falsas, deste modo, atua diretamente na produção de desinformação, de modo particular, na internet, embora não seja o único ambiente usado para isso” (Recuero; Gruzd 2019: 33). Corroborando tal asserção, Carvalho (2019) afirma sobre a circulação do termo:

Mesmo sem elaborar uma cronologia do termo, fica claro que as definições mais usadas para fake news desde 2000 valorizavam a princípio o formato de imitação da linguagem jornalística e, desde as eleições americanas de 2016, o sentido de propaganda tem sido mais utilizado. Fora dessa cronologia, a história nos mostra que, a princípio, notícias falsas eram um atributo da imprensa, mas hoje ganharam outras conotações. Não é coincidência que o termo fake news tenha tido uma valorização nos dois últimos anos: tal valorização é decorrente do cenário político, cuja propaganda ainda deve muito à propaganda de guerra, em que desmoralizar o inimigo era um dos objetivos principais. (Carvalho 2019: 29).

Embora, por um tempo, as *fake news* tenham circulado como emulação do real, podemos observar que houve uma mutação a nível de formulação: muito recentemente, muitas das *fakes news* em nada garantem o caráter noticioso. Elas passaram a circular por meio de áudios, vídeos, *lives*, mensagens em aplicativos de mensagens instantâneas. Sobre isso, Carvalho (2019: 29) afirma que “A mudança contínua demonstra uma tentativa de adequação ao mundo cotidiano e às demandas sociais relacionadas à compreensão do fenômeno.” Em razão do exposto, consideramos que as *fake news* podem ser compreendidas a partir de um processo de torção discursiva: “À luz da Análise do Discurso, entendo fake news como um processo de torção discursiva realizado sob o efeito de uma identificação ideológica.” (Indurky 2019: 29). Assim, tal torção discursiva projeta um efeito de verdade sobre um fato ocorrido que, agora, passa a ser falsificado.

Nesse sentido, um acontecimento “às avessas” garante um caráter de verossimilhança ao enunciado, produzindo um efeito de verdade que silencia a torção à determinada formação discursiva. Um não acontecimento ou uma mentira discursivizada acaba por adquirir efeito de verdade graças à verossimilhança que a torção lhe atribui, mas, para além disso, também graças à circulação massiva nas redes sociais. A circulação pelo digital, diferentemente da circulação “off-line”, é reticular e relacional, o que faz com que tecnodiscursos se liguem uns aos outros por meio do técnico, como é o caso das *hashtags*, que agrupam diferentes postagens em distintas redes sociais. Em função disso, as *fake news* encontram espaço propício para circularem e viralizarem, permitindo, desse modo, que seja instaurado um regime de repetibilidade que contribui para o efeito de verdade do dizer mentiroso. Para Zoppi-Fontana, “é por efeito de excesso de enunciações que as fake news se acumulam, ganhando visibilidade e credibilidade” (Zoppi-Fontana 2021: 95).

A partir disso, pensando as *fake news* políticas, podemos dizer que se soma ao efeito de verdade criado por essa torção discursiva e pelo regime de repetibilidade, o efeito de autoridade: no cenário político, um dizer mentiroso discursivizado tem um locutor autorizado que atesta o que

é dito, corroborando o efeito de verdade do enunciado e incidindo, portanto, na circulação pelo digital, sempre atravessada por sujeitos ideologicamente interpelados e *bots* maquinicamente coconstrutores dessa verdade.

Nesse sentido, defendemos que cooperam para os efeitos de verdade das *fake news* políticas:

- a. **Uma torção discursiva** que faz com que o dizer mentiroso emule a verdade;
- b. **Um regime de repetibilidade** que se beneficia do potencial de espalhamento do digital;
- c. **Um efeito de autoridade** advindo da posição-sujeito;
- d. **Um efeito de evidência** ligado à torção discursiva e ao efeito de autoridade: “se X diz isso, só pode ser verdade”;
- e. **Um efeito bolha** gerado pelo algoritmo.

Considerando os pontos anteriores, podemos afirmar que as *fake news* são fruto de efeitos (de verdade, de autoridade, de evidência). Concordaremos em dizer, assim, que as *fake news*, para além da mentira discursivizada, são efeito de uma (não)atestação do real, que metaforicamente constituído, se filia a uma memória fabricada. As *fake news*, desse modo, recuperam uma memória às avessas e formulam aquilo que está para além do equívoco: é o furo na rede de memória que não existe, mas produz sentidos. Isto é: ao se constituírem, as *fake news* dialogam com sentidos existentes, mas que só são da ordem da memória se fabricados. Um exemplo disso foi a notícia falsa de 2018 que a cantora *drag queen* Pablo Vittar seria a vice do então candidato à presidência Fernando Haddad. Produz sentido e, portanto, efeito de verdade porque já faz sentido⁴, uma vez que o PT (Partido dos Trabalhadores) possui pautas em prol de minorias, entre elas a LGBTQIA+. No entanto, é da ordem da fabricação de uma memória uma vez que não se pode recuperar, interdiscursivamente, qualquer intenção da cantora a um cargo político ou do PT em lançar uma cantora como vice-presidente, ou ainda qualquer relação entre eles. Nesse sentido, o dizer mentiroso é um furo numa memória que não existe, um dizer que irrompe em uma teia que ninguém teceu.

Entretanto, ainda que lancemos luz à questão das *fake news* em Análise de discurso, não podemos (e não vamos) desconsiderar que o problema está ligado à crise da democracia e à ascensão do capitalismo digital (Morozov 2018), que abriu espaço para empresas do Vale do Silício, como Google e Meta, adquirirem mais poder do que o próprio Estado. Para Morozov, cientista da computação bielorrusso, “a rápida ascensão das plataformas digitais produziu um Estado de bem-estar privatizado, paralelo e praticamente invisível, no qual muitas de nossas atividades cotidianas são fortemente subsidiadas por grandes empresas de tecnologia (...)” (Morozov 2018: 146).

O discurso político digital, assim, encontra-se no limiar entre a pulverização do mundo como o conhecemos, esfacelado pelo capitalismo digital, e o mundo como sempre foi. Orlandi (2020a) afirma que “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação)” (Orlandi 2020a: 31). Para além disso, temos observado

4 “Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (Orlandi 2020a: 31).

que o dizer pelo digital se encontra na confluência das memórias (discursiva, metálica e digital)⁵ e da pulverização de sua atualidade, pois ainda que ocorra no presente imediato, o digital é arquivável e localizável, enquanto sua atualidade é sempre um fragmento do que já foi e do que pode vir a ser.

Em razão disso é que, sempre considerando a Análise de discurso como de entremeio (Orlandi 2020b), discutimos, sobretudo com base em sociólogos e historiadores, o que as Ciências Humanas entendem por populismo. Em seguida, a partir da compreensão do funcionamento do algoritmo e da extração de dados, traçaremos alguns caminhos para pensar o tecnopopulismo que, conforme defendemos aqui, encontra alicerce no espalhamento de *fake news* políticas.

1.3 Algoritmo, big data e efeito bolha: tecnopopulismo

Com objetivo de entender a relação homem-mundo-máquina é que se propõe a construção de uma Análise do discurso digital (Dias 2018; Paveau 2021). A partir de uma abordagem ecológica, não dualista e integrativa da linguagem, Paveau (2021) propõe pensar a máquina como coconstrutora de sentidos, entendendo-a como exterioridade constitutiva dos dizeres. Para Dias (2018), é preciso tomar o digital como objeto de estudos na Análise de discurso e entendê-lo como condição de produção, além de tomar a circulação como “ângulo de entrada”. Para ambas, é preciso parar de olhar para o digital como suporte ou tratá-lo apenas *para corpus*: é preciso considerá-lo *como corpus*. É nessa esteira de reflexões, em franco desenvolvimento em Brasil e França, que abordaremos o algoritmo, conseqüentemente a extração de dados, o big data e o efeito bolha, como condição de produção das *fake news*. Isto é, ao compreender que *as fake news* sempre implicam um efeito de verdade a nível de formulação do enunciado e uma fabricação de memória a nível de constituição, ao mesmo tempo, sempre haverá um algoritmo a nível de circulação, afetando a produção de sentidos e coconstruindo os efeitos de verdade daquela mentira discursivizada.

Por esse motivo, o algoritmo deve ser objeto de interesse de analistas de discurso que se preocupam em produzir teoria que de fato explique fatos linguageiros atuais. Para isso, considerando o ir e vir das fronteiras da nossa disciplina, é que iniciamos a discussão com as reflexões da matemática americana O’Neil (2020). Para a autora, cada vez mais tomamos decisões com base em modelos matemáticos que atravessam os diversos setores sociais que, por consequência, fazem com que o algoritmo (usado nesses modelos matemáticos) crie uma espiral discriminatória. A matemática cita como exemplo o modelo de ingresso utilizado pelas universidades americanas, que facilitam o acesso de alunos bons e interditam alunos ruins; o modelo de criminalidade usado pela polícia, que acaba por criminalizar bairros periféricos, levando a polícia a um constante patrulhamento baseado

5 Entendemos aqui memória discursiva como o já-dito que constitui todo dizer, que ocorre por uma atualização de sentido. Para Orlandi, a memória metálica é repetição, excesso, acúmulo: “Produção refém de uma memória que tenho chamado de metálica, na medida em que é disponibilizada pela máquina, que produz mais informação do que necessitamos, na produção do conhecimentos.” (Orlandi 2017: 240). Já para Dias (2018), a memória digital é aquela que “escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal e se inscrevendo no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva).” (Dias 2018: 161).

em discriminação; o modelo de reincidência ao crime utilizado em prisões e que também corrobora a marginalização de negros como potenciais criminosos. Sobre a questão da extração de dados e preferências de usuário no campo político, O’Neil afirma que

O resultado dessas campanhas subterrâneas é um desequilíbrio perigoso. Os marqueteiros políticos mantêm dossiês profundos sobre nós, nos dão gotas de informação e medem como respondemos a elas. Mas somos mantidos no escuro sobre o que nossos vizinhos recebem. (O’NEIL 2020: 303).

É justamente o isolamento de preferências, que faz com que as pessoas tenham mais ou menos consciência do que e porquê recebem determinado conteúdo nas redes, mas não tenham ideia do que outra pessoa recebe, que produz o efeito bolha. Segundo Santaella (2018, p. 17), a personalização dos filtros “apresenta tendenciosidades que afetam significativamente o acesso à informação, na medida em que conduzem o usuário a pontos de vista estreitos que impedem a exposição a ideias contrárias aos seus preconceitos”. A limitação das pessoas a uma exposição seletiva, alimentada pelos algoritmos, intensifica as tendências homofílicas, ou seja, aquelas de só se buscar concordâncias e fugir das discordâncias, tendências, de resto, que já fazem parte do funcionamento do psiquismo humano. (Kaufman; Santaella 2020: 8). Por isso, “não é por acaso, pois a questão das bolhas está na base da proliferação de fake news que tanto tem abalado os princípios do jornalismo. (Kaufman; Santaella 2020: 7).

Considerando o imenso volume de dados e metadados produzidos por usuários nas redes diariamente, é que se tem o Big Data, uma vez que é preciso desenvolver uma maneira de ler, filtrar e exportar esse volume imenso de dados: “ao contrário dos dados tradicionais, o termo Big Data refere-se a grandes conjuntos de dados crescentes que incluem formatos heterogêneos (...). Big Data tem uma natureza complexa que exige tecnologias poderosas e algoritmos avançados” (Oussous et al. 2018). Um exemplo de técnica de Big Data é a utilizada pelo Facebook, que faz previsão de padrão de compartilhamento; cascatas de compartilhamento de conteúdo com foco em análise e caracterização e gerenciamento de dados: consome milhões de linhas de dados por segundo e expira milhões de dados por segundo; além de analisar dados ao vivo (Chen et al. 2014).

As técnicas de Big Data, portanto, promovem a extração de dados que estão na base da materialidade digital atual. Afinal, ao considerarmos o eixo da circulação, no âmbito da Análise de discurso, não podemos mais desconsiderar que o algoritmo é parte fundamental, senão preponderante. Nesse sentido, há um silenciamento na ordem do algoritmo que regula e cerceia o que circula. Para Morozov, os modelos extrativistas de dados “(...) continuam escavando nossa psique tal como as empresas de petróleo escavam o solo; e os dados seguem jorrando nesses reservatórios emocionais” (Morozov 2018: 166). Disso decorrem dois pontos importantes para este trabalho: o algoritmo está na base do espalhamento de *fake news* e estas, por sua vez, alicerçam o tecnopopulismo.

Para o cientista político e jornalista italiano Empoli (2022), há cada vez mais um protagonismo dos *engenheiros do caos* na política, entendidos por ele como *spin doctors*⁶, ideólogos e cientistas

6 Consultores políticos que diante de uma situação de impasse ou crise, identificam a direção capaz de mudar a tendência a favor de um candidato ou campanha.

especializados em Big Data, “sem os quais os líderes do novo populismo jamais teriam chegado ao poder” (Empoli 2022: 22). Considerando, assim, o funcionamento dos algoritmos das plataformas, a formação do efeito bolha e a extração de grande volume de dados de usuários por técnicas de Big Data é que chegamos ao inflamado populismo digital dos quais Donald Trump e Jair Bolsonaro foram não só protagonistas, mas vitoriosos em 2016 e 2018. Colocando-se como líderes do povo contra o inimigo comum, prática discursiva comum de líderes populistas, ambos incentivaram o discurso de ódio, usando as redes sociais como agente inflamável de cidadãos que já se encontravam incendiáveis pela cólera. Para Empoli,

Cultivando a cólera de cada um sem se preocupar com a coerência do coletivo, o algoritmo dos engenheiros do caos dilui as antigas barreiras ideológicas e rearticula o conflito político tendo como base uma simples oposição entre ‘o povo’ e ‘as elites’. (...) O sucesso dos nacional-populistas se mede pela capacidade de fazer explodir a cisão esquerda/direita para captar os votos de todos os revoltados e furiosos, e não apenas os fascistas. (Empoli 2022: 21).

Observa-se, assim, que o populismo de direita vem ocupando cada vez mais espaço em contexto mundial. Apenas nas duas primeiras décadas do século XXI podemos citar o populismo da Itália, Polônia, Romênia, Turquia, Sérvia, Hungria e Áustria. A razão, para Bruzzone, filósofo brasileiro, é justamente a convergência entre populismo e mídias digitais. Para ele, “é o *ciberpopulismo* (...) usando tecnologias de microssegmentação que somente são possíveis em grande escala com recursos digitais. Sem tecnologia digital, esse populismo não existiria em escala global” (Bruzzone 2021: 59). Justamente em razão disso é que entendemos o tecnopopulismo como o populismo mediado pelo digital, cuja circulação de dizeres é imprevisível, relacional, reticular, deslinearizado (Paveau 2021: 22): “sendo o prefixo *tecno-* não apenas um morfema que busca alterar o sentido do radical, mas uma opção teórica que o modifica, alterando também a episteme tradicional das ciências da linguagem”.

2. As fake news de Jair Bolsonaro

O primeiro passo metodológico deste trabalho foi buscar por enunciados de Jair Bolsonaro considerados mentirosos. Para isso, recorreremos à plataforma de checagem *Aos Fatos*, que disponibiliza não só esses dizeres, como a quantidade de vezes que foram enunciados, a origem, a fonte e ainda as datas em que foram proferidos. A partir da ferramenta de busca da plataforma, buscamos por eixos temáticos considerados importantes para o populista de direita: aqueles que ele relaciona como sendo “pautas de esquerda”. Nesse sentido, os recortes que aqui se apresentam tratam de (a) ideologia de gênero; (b) defesa do aborto; (c) defesa do uso de drogas; (d) incentivo à criminalidade. Como abordaremos a seguir, o fato desses temas estarem associados à esquerda é amparado por uma memória que recupera desde projetos de lei que tentaram discutir questões de gênero e pedofilia, até o encarceramento de Luís Inácio Lula da Silva, criando sentidos de que não só ele é “bandido” e faz parte de uma “quadrilha”, como ele ainda defende a criminalidade.

- (i) No tocante a evangélico, o lado de lá defende o aborto, o lado de cá o contrário. O lado de lá falou que vai botar os militares, os pastores e padres nos seus devidos lugares. O lado de lá os governadores do PT, né? De outros partidos também né? Mas do PT fecharam templos,

fecharam igreja, do lado de cá não. O lado de cá fala né da boca para fora. Fala com o coração “Deus, Pátria, família”. O lado de cá defende família, o lado de lá não, o lado de lá defende ideologia de gênero. (Bolsonaro 27/05/2022⁷)

- (ii) Ele não quer tocar nesse assunto porque choca todo mundo quando fala em aborto choca qualquer pessoa tá? Então fica bem claro aqui o que esse pessoal vai esconder por ocasião das eleições, como está em matéria aqui que o PT vai rediscutir a ideologia de gênero. Eles vão querer botar na escola, como vinham colocando que o seu filho de 5 anos de idade se ele tem lá um apêndice, o piu piu, ele não é homem, ele pode ser menino na frente e o contrário e por que isso meu Deus do céu, o que que leva essa quadrilha fazer isso aí? (Bolsonaro 19/05/2022⁸)
- (iii) Quando eu saí lá da tribuna lá da ONU, que eu falei do Brasil, né? Subiu lá o Petro, presidente recém-eleito da Colômbia, apoiado por Lula, defendeu liberação da cocaína. (Bolsonaro 29/09/2022⁹)
- (iv) Você vê o outro lado [o Lula] diz que roubar celular é pra tomar uma cervejinha. E o que é roubar um celular? Muitas vezes é usar força, é matar muitas vezes. A gente perde um filho porque o cara é estimulado agora pelo Lula a querer tomar uma cerveja vai lá e mata um filho nosso. É isso que nós queremos para o Brasil? (Bolsonaro 29/09/2022)

No recorte (i), é possível observar que o sujeito marca o antagonismo de dois lados: o lado de “cá”, representando ele e os valores cristãos, dos quais ele se coloca como porta voz em seu governo; e o lado de “lá”, representando os inimigos da nação, Lula e o PT (Partido dos Trabalhadores). Tendo em vista que as religiões cristãs são contra o aborto, a primeira afirmação é de que o outro lado é a favor, além de frisar que padres, pastores e militares serão colocados em seu “devido lugar” e templos serão fechados. Considerando que ambas as informações, aborto e fechamento de templos, não encontram respaldo e são considerados dizeres mentirosos, vemos que o que ampara o efeito de verdade desse dizer é justamente sua memória fabricada. Esses dizeres fazem sentido porque ressoam em uma memória construída pelo populista de que a esquerda defende o aborto e é contra os cristãos. Ainda que não seja verdade, o efeito de verdade se produz na torção discursiva daquilo que poderia vir a ser, mas não é. O sujeito ainda afirma que o outro lado não é a favor da família e defende a ideologia de gênero, sintagma que se cristalizou em sua ostensiva circulação durante a campanha do então candidato Bolsonaro e que encontra eco no interdiscurso. Uma vez que a memória discursiva de “família”, filiada às formações discursivas conservadora/de direita/cristã as quais está inserida, produz sentidos em relação àquilo que é da ordem do heteronormativo e da cisgenericidade, sentidos regionalizados pelo cristianismo. Justamente em função da memória, já dito que constitui todo dizer, é que essa mentira

7 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WV9VJx4Seys>>. Acesso em 25 out. 2022.

8 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n64DwiB1Reg>>. Acesso em 25 out. 2022.

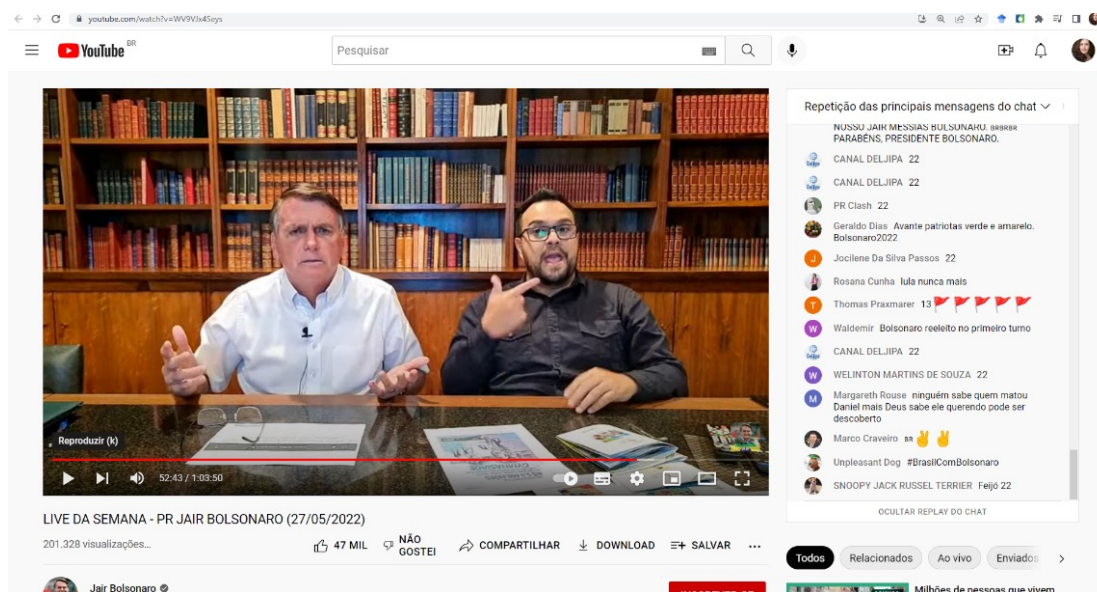
9 Disponível em: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1470232580145029/>>. Acesso em 25 out. 2022.

discursivizada ampara seu efeito de verdade: há um efeito de evidência de que a esquerda, que é a favor do aborto, de fechar igrejas, da ideologia de gênero, só pode ser contra a família.

Somado a isto, temos a extensa circulação dessas mentiras discursivizadas na rede que, sob o efeito de autoridade do sujeito que veicula as *fake news* e toda a sua política de afetos, cooperam para o efeito de replicabilidade:

FIGURA 2

Live de 27 de maio de 2022



Fonte: Captura de tela do YouTube

O vídeo que teve mais de 200 mil visualizações e 47 mil curtidas no YouTube, além de milhares de comentários, ressignifica a antiga arte da mentira política. Não é mais sobre produzir dizeres mentirosos no palanque, mas sobre proferi-los e levá-los a uma extensa circulação pelo digital, reticular, investigável, relacional (Paveau 2021). Uma vez que “no digital, a quantidade é estruturante” (Dias 2020), tais números de visualizações, reações etc, corroboram o efeito de verdade, produzido pelo efeito de repetibilidade e de evidência que, por consequência, estruturam a própria noção de *fake news* moderna: não se trata mais de “*fake news* do absurdo”, como a Pablo Vittar ser vice-presidente, mas de *fake news* críveis uma vez que são torções discursivas amparadas por uma memória fabricada, mas que ressoa e cristaliza dizeres devido à replicação on-line.

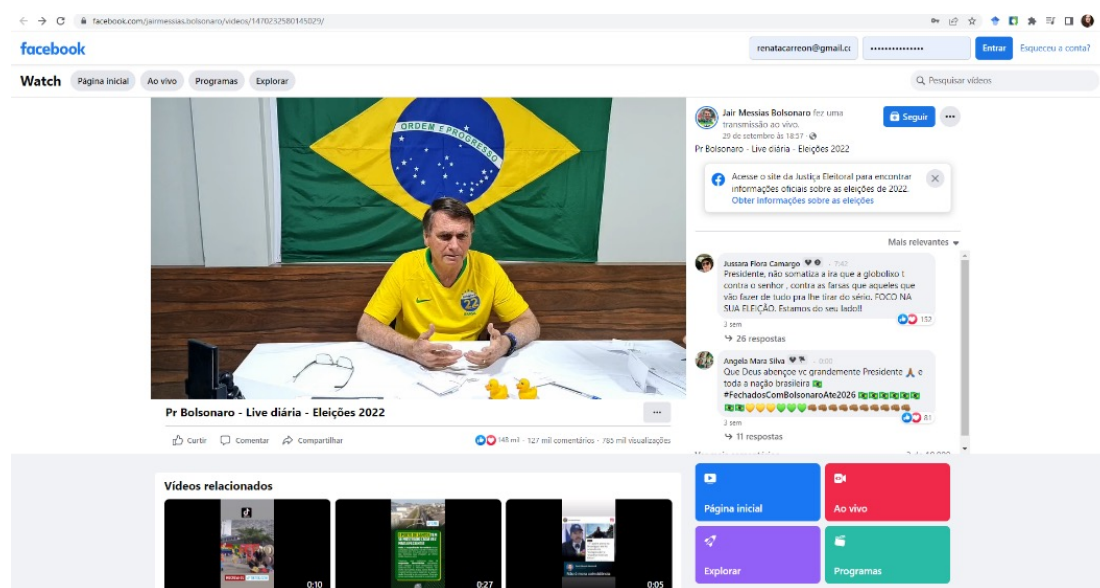
Na mesma linha de sentidos, o recorte (ii) traz o aborto e a ideologia de gênero mas, além disso, destaca que um menino pode não ser homem ou “o contrário”, dialogando, interdiscursivamente, com as atuais discussões sobre identidade de gênero. Mais uma vez, embora seja um dizer mentiroso, o efeito de verdade encontra amparo na própria construção de memória do que de fato defende a esquerda, o PT, o Lula. Nesse sentido, considerando a onda de conservadorismo que irrompeu mundialmente, abrindo espaço para o populismo de direita, é possível observar que, discursivamente, as *fake news* presidenciais, firmemente calcadas na vontade de verdade (Nietzsche 1888) de um determinado setor da população, se formulam e atualizam sentidos em prol da restauração dos “valores” da nação.

Outra temática associada à esquerda no Brasil é a defesa da criminalidade. O jogo político e jurídico que resultou na prisão de Lula como forma de impedimento de sua candidatura em 2018, criou sentidos, sobretudo para o PT, da ordem de que seus integrantes são criminosos. Sentidos que já circulavam antes em razão da operação Lava Jato, que levou à prisão de muitos membros do PT, e da prisão de Dilma Rousseff na época da ditadura. Tais acontecimentos históricos e discursivos construíram um itinerário de sentidos sobre a própria esquerda, alimentado e replicado nas redes. Por isso, em (ii) é facilmente recuperável a quem se refere o termo “quadrilha” e que sustenta os efeitos de sentido de (iii), que afirma que o presidente da Colômbia, apoiado por Lula, defendeu a liberação da cocaína. A torção discursiva se sustenta no fato de que o presidente colombiano, em realidade, enviou ao Congresso um projeto que prevê a descriminalização do uso recreativo da maconha. Por meio da torção que constitui as *fake news*, aquilo que já é da ordem do criminoso, da quadrilha, só poderia ser evidente: ele defende a cocaína.

A mesma regionalização de sentidos filiada a essa formação discursiva sustenta o recorte (iv): nele, o sujeito afirma que Lula defende o roubo de celulares para tomar cerveja. Além de sustentar a criminalização desses sujeitos, o trecho recupera aquilo que é da ordem da memória sobre Lula, ou seja, que ele gosta de beber. Por isso, a torção discursiva do que Lula afirmou em 2019¹⁰ encontra sentido ao circular, produzindo efeito de verdade.

FIGURA 3

Live de 29 de setembro de 2022



Fonte: Captura de tela do Facebook

10 “Eu não posso mais ver jovem de 14, 15 anos assaltando e sendo violentado, assassinado pela polícia, às vezes sendo inocente, às vezes porque roubou um celular”.

Na *live* de 29 de setembro de 2022, antes do debate para presidente na TV Globo, na qual o enunciado (iii) foi veiculado, observa-se o tradicional cenário das *lives* (aquele visto na figura 1) transmutado para a bandeira do Brasil, junto de sua camiseta oficial da seleção brasileira de futebol e dois patos de borracha. Em busca do resgate do amor à pátria, signos associados ao Brasil foram ressignificados pelo populista como símbolo desse retorno dos valores brasileiros. Essa *live*, até o dia da captura de tela, possuía 785 mil visualizações, 127 mil comentários e 148 mil reações. Números que atestam o efeito de verdade ali produzido e que circulam dizeres mentirosos como verdadeiros a partir do possível efeito de evidência dessa autoridade: se é o Presidente da República afirmando e se tanta gente reagiu e comentou, como seria possível não ser verdade?

É por isso que o fenômeno do populismo autoritário ou populismo de direita não deve ser desconectado do digital. Se por um lado o fascismo encontrou amparo em uma forma ditatorial de governo que circulava notícias falsas no rádio, a forma democrática de governo autoritário moderna circula, talvez, o mesmo tipo de notícias falsas. A diferença é que amplificadas pela circulação pelo digital, essas notícias circulam quase que irrestritamente, em um contínuo processo de repetição e saturação de sentidos que “storiciza” (Dias 2020) a velocidade de reformulação desses dizeres.

Por consequência, aquilo que denominamos de regionalização de sentidos que amparam o efeito de verdade dessas *fake news* é o que também ampara a sua circulação pelo digital. O efeito bolha produzido pela mineração de dados e algoritmização de preferências faz com que um público muito específico e interessado veja, receba ou compartilhe tais dizeres mentirosos. E num profundo movimento homofílico, essas bolhas vão se revestindo cada vez mais de uma couraça difícil de romper. O que chega dentro da bolha? Aquilo que o algoritmo permite.

Justamente em razão disso é que argumentamos, de início, que precisamos entender as *fake news* presidenciais, produzidas por Bolsonaro, como um sustentáculo da sua governabilidade e daquilo que entendemos como o populismo de direita no Brasil ou “bolsonarismo”. Não se trata apenas de um fenômeno histórico ou social, é também um fenômeno linguageiro e digital que não deve passar despercebido aos analistas de discurso que buscam compreender as metamorfoses do discurso político.

3. Conclusão

O populista de direita ampara o efeito de evidência do seu dizer mentiroso no extremismo de suas ações, incitando o ódio ao inimigo comum, ao mesmo tempo em que se privilegia dos melindres algorítmicos. O efeito bolha, causado pela mineração de dados das plataformas, surge como um aliado das *fake news*. Os sujeitos acabam por permitir a algoritmização de suas preferências, incluindo aí a sua própria vontade de verdade.

Em razão disso, concordamos com cientistas de dados e matemáticos ao afirmarem que as *fake news* têm maior possibilidade de espalhamento do que a própria verdade. Para além do Big Data e a personalização de preferências promovidas pelo algoritmo, ainda temos os sujeitos, sempre propensos ao engano. E a discursivização dessa mentira, uma torção discursiva do dizer mentiroso, sempre vai fazer parte de uma certa formação discursiva a qual os sujeitos são instados a aderir. Em outras palavras, na raiz da promoção de uma *fake news* sempre haverá efeito de verdade a nível de formulação do enunciado e, ao mesmo tempo, sempre haverá um algoritmo a nível de circulação, afetando a produção de sentidos e coconstruindo os efeitos de verdade daquele dizer mentiroso.

Nesse sentido, vemos que para além da fadiga dos rituais democráticos já prevista por sociólogos, temos um rearranjo de práticas discursivas que, por si só, é capaz de mudar as relações político-cidadão. Na base dessa relação, o discurso político digital, que encontra amparo no cansaço eleitoral e no frescor algorítmico.

4. Referências bibliográficas

- BRUZZONE, A. 2021. *Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital*. São Paulo: Contexto.
- CARVALHO, R. L. V. R. 2019. Notícias falsas ou propaganda? Uma análise do estado da arte do conceito fake news. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, Vol. 7, nº 13, janeiro-junho.
- CHEN, M.; MAO, S.; LIU, Y. 2014. Big data: a survey. *Mobile Networks App.*, 19 (2014), pp. 171-209.
- DIAS, C. 2020. A vida em números: sentidos do discurso digital na Pandemia de Coronavírus. In: Galli, F. C. S.; Biziak, J. S.; Zoppi-Fontana, M. G. *O não-sentido como espaço de (r)existências: processos de subjetivação na pandemia*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- DIAS, C. 2018. *Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas, SP: Pontes Editores.
- EMPOLI, G. 2022. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio.
- FASSIN, E. 2019. *Populismo e ressentimento em tempos neoliberais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 101 p.
- FINCHELSTEIN, F. 2019. *Do fascismo ao populismo na história*. São Paulo: Almedina, 297 p.
- KAUFMAN, D.; Santaella, L. 2020. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes. *REVISTA FAMECOS (IMPRESSO)*, v. 27, p. 1-10.
- MARIANI, B.; SILVA, S. D. 2019. Entrevista com Freda Indursky. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 30, n. 59, p. 13-31, 21 dez.
- MOROZOV, E. 2018. *Big tech: A ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu editora.
- NIETZSCHE, F.W. *Fragments posthumes. Automne 1887 – mars 1888. Oeuvres philosophiques complètes*, XIII. Paris: Galimard.
- NORRIS, P; Inglehart, R. 2019. *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- O'NEIL, C. 2020. *Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça à democracia*. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão.
- ORLANDI, E. 2020a. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- ORLANDI, E. 2020b. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes.
- ORLANDI, E. 2017. *Eu, tu, ele: discurso e real da história*. Campinas: Pontes editores.

OUSSOUS, A.; BENJELLOUN, F. Z.; LAHCEN, A. A.; BELFKIH, S. 2018. Big Data technologies : a survey. *Journal of King Saud University - Computer and Information Sciences*, v. 30, p. 431-448.

PAVEAU, M-A. 2021. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. São Paulo: Pontes Editores.

RECUERO, R.; GRUZD, A. 2019. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. *Galaxia* (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 41, mai-ago., p. 3-47.

SANTAELLA, L. 2018. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri, SP: Estação das Letras e Cores.

TANDOC JR., E.; LIM, Z.W., LING, R. 2017. Defining “Fake News”: A Typology of Scholarly Definitions. *Digital Journalism*, London, 6(2):1-17, ago.

VOSOUGHI, S.; ROY, D. ARAL, S. 2018. The spread of true and false News online. *Science*, v. 359, Issue 6380, p. 1146-1151.

ZOPPI-FONTANA, M. 2021. Pós-verdade e enunciação política: entre a mentira e o rumor. In: Curcino, L.; Sargentini, V.; Piovezani, C. *Discurso e (pós) verdade*. São Paulo: Parábola, p. 87-104.

RENATA DE OLIVEIRA CARREON. Professora permanente do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (MDCC) – LABJOR (Unicamp). Pós-doutoranda em Linguística na Universidade Estadual de Campinas (Labeurb/Unicamp – FAPESP processo 2021/07055-1) sob a supervisão da Profa. Dra. Cristiane Dias. Mestre (2013) e doutora (2018) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL – CAPES) da UFSCar sob orientação do Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas. Estágio doutoral em Buenos Aires (UBA – Argentina) com o Prof. Dr. Mariano Dagatti (CAPES/PDSE). Formada em Licenciatura Plena em Letras com habilitação em português e espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (2010).

Correo electrónico: renatacarreon@gmail.com